

DA FAMÍLIA, É PRECISO CURAR-SE?

Julienne Parada

Graduada em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula, especialista em Psicanálise pelo CEP COP/USU, especialista em Atendimento Psicanalítico em Instituição Pública pelo IPUB/UFRJ, psicóloga com atuação clínica desde 1992, psicóloga com atuação na Secretaria Municipal de Educação do Município de São Gonçalo/RJ de 1992 a 1994 e psicóloga do TJRJ desde 2005, e-mail: mauricio287@gmail.com e juliennefreitas@tjrj.jus.br.

RESUMO

O artigo propõe discutir as relações familiares sem o manto do sagrado, com o objetivo de desconstruir a imagem tão firmemente estabelecida pela sociedade que coloca a família num pedestal inviolável, quase intocável e insuperável, mas que tende a moldar seus membros e estabelecer seu modelo como expressão da verdade absoluta. Por meio dos casos narrados, busca ainda refletir sobre as aspirações e desejos familiares depositados nos membros em formação e como a imposição da trama familiar acarreta sofrimento, sem, contudo, desprezar as suas contribuições para o desenvolvimento dos seus membros. Desse modo, o presente artigo procura expor as verdades não ditas e tenta colocar um pouco de realidade na tão sagrada família.

Palavras-chave: Família. Repetição. Desconstrução.

"Existo, logo desconstruo." (Julienne Parada)

"Eu existo, logo gero desconfortos para gerar movimentos." (Julienne Parada)

Início explicando que usava nos perfis de minhas redes sociais a primeira frase epigrafada, com a finalidade de transmitir que tenho como tendência (pode-se dizer que obstinada) questionar pressupostos, conceitos, doutrinas, costumes, tradições, estereótipos colocados em prática repetidamente e sustentados firmemente sem a devida reflexão. Observando que algumas pessoas interpretavam a frase no sentido da demolição e da destruição totais, ou seja, da provocação de consequências negativas e grandes prejuízos irreversíveis, resolvi adotar a segunda frase epigrafada. Dessa nova maneira, procuro deixar claro que, não raras vezes, me coloco a refletir, questionar, dissecar e desconstruir o que parece comum, firme, sólido, óbvio ou irrefutável com o intuito de promover mobilização em direção à busca de algo além. Afinal, como bem respondeu Fernando Birro, diretor de cinema argentino, a um estudante de uma universidade de Cartagena das Índias, a utopia serve para nos fazer caminhar (1993).

Não devemos ser ingênuos e achar que a desconstrução de um "estado das coisas" que nutre a sensação de bem-estar e/ou a representação do ideal ocorre de maneira indolor, incólume e facilmente aceitável e digerível. Ao contrário, questionar e dissecar comprometem as ideias estabelecidas e as práticas enraizadas, desestabilizam, ameaçam os mecanismos internos de defesa, exigem esforços e, sendo assim, geram angústia, ansiedade, desprazer e desconforto. Entretanto, para caminhar, é necessário enfrentar o período de tormento.

Com essa breve explicação, tento introduzir que levantarei dados e reflexões, os quais provavelmente gerarão algum estranhamento, para, depois, propor movimentos.

Como o tema do presente artigo é a entidade familiar, é importante assinalar que a Família trilhou um percurso histórico por meio do qual suas configurações se transformaram e adquiriam novos formatos. A família sofreu influências das modificações socioculturais e econômicas das relações humanas (Machado, 2015).

Inicialmente, a palavra "família" designava tudo o que habitava o mesmo terreno: o patriarca e tudo que a ele pertencia, como a esposa e mãe, os filhos, os escravos e, inclusive, os animais que lhe pertenciam. A figura do pai era intocável e inatingível. A mesma assegurava ao patriarca o lugar de autoridade e dono incontestável de um saber que ordenava e garantia as normas culturais e sociais e, logo, o mantinha a uma distância tal do restante dos componentes da família. Essa organização, onde o pai era o senhor dos bens e das leis que regulavam as relações familiares, sustentou a família por séculos (Machado, 2015).

Já, na contemporaneidade, a família passou a se apresentar sob múltiplas conformações, para além do modelo tradicional, podendo ser famílias heteroafetivas, homoafetivas, poliafetivas, podendo ser famílias sem filhos ou monoparentais, multiparentais, coparentais etc., podendo ser famílias formadas a partir de filhos biológicos, de filhos provenientes da reprodução assistida ou de outras vias que dispensam o método tradicional de concepção, de filhos provenientes de uniões anteriores, de filhos socioafetivos, da união de filhos de diversas proveniências etc..

Dada uma resumidíssima exposição sobre a evolução da composição familiar, é indispensável registrar que, ao longo do presente artigo, tratarei a FAMÍLIA como um agrupamento de pessoas unidas por laços de consanguinidade e/ou de socioafetividade e que se organizam e se relacionam entre si, mantendo uma coesão.

É consenso que a família é fundamental para os processos de amadurecimento e de desenvolvimento de seus membros e base primeira e principal para a constituição de cada um, podendo o afastamento do convívio familiar gerar impactos. É por meio das relações estabelecidas no seio da família que o sujeito¹ se constrói, ou seja, é ela que influencia a constituição do sujeito, sem que tal influência se finde com o passar do tempo.

O reconhecimento do papel da família na formação e no desenvolvimento integral do indivíduo ganhou cada vez mais importância e levou o Estado a reavaliar as ações em relação à infância e à adolescência, a avançar no campo dos direitos e da proteção e a estruturar políticas de apoio às famílias, colocando a entidade familiar na centralidade da política (Olic, 2019). Esse movimento estatal resultou no art. 227 da Constituição Federal, estabelecendo que é direito da população infanto-juvenil a convivência familiar, e, mais tarde, no art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente, assegurando à mesma população ser criada e educada no seio de uma família. Sendo assim, é em virtude de uma evolução legal que a família se potencializa como fonte de dignidade e bem-estar (PURIFICAÇÃO e OVENHAUSEN, 2010).

Ocorre que a legalidade tutela relações abstratas mas o desenvolvimento saudável ou não da personalidade de uma criança depende das relações concretas que ela vivencia no seio familiar (PURIFICAÇÃO e OVENHAUSEN, 2010). Ou seja, a mesma entidade que garante o natural desenvolvimento psicológico é a que influencia a formação da personalidade e a que

¹ "(...) o sujeito é definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos. É, pois, a essência da subjetividade humana, no que ela tem de universal e singular. (...) o sujeito é definido como sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência, seja essa consciência empírica, transcendental ou fenomênica. (...) Jacques Lacan, entre 1950 e 1965, conceituou a noção lógica e filosófica do sujeito no âmbito de sua teoria do significante, transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo." (Roudinesco, 1998, p 742).

ditos padrões de comportamento a serem internalizados por seus membros, o que pode ser fonte de adversidades e, inclusive, de adoecimento, conforme nos ensina Papalia e Olds (1981), em *O Mundo da Criança* (embora seja o livro antiquado).

Na prática profissional, ao escutar longamente as queixas, a história, a fala do cliente, não é incomum nos embrenharmos pela dinâmica da família dele, principalmente das figuras representativas de sua infância, e constatarmos como suas ações atuais nada mais são do que reproduções do padrão de comportamento de seu núcleo primário sem adequação à realidade vivenciada fora desse núcleo, o que pode lhe trazer dificuldades na interrelação com o mundo externo.

Para ilustrar melhor o tema do qual estou me empenhando em tratar, farei, a seguir, o relato de dois casos em que trabalhei recentemente. Imprescindível é avisar que, em respeito ao art. 9º do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005), o dever de confidencialidade foi atendido e a intimidade das pessoas envolvidas, protegida por meio da substituição dos nomes das mesmas por nomes fictícios.

Vamos ao primeiro caso.

Almira tinha um temperamento difícil.

Geneci, marido de Almira, era uma pessoa passiva, que nunca se impôs. Era “um banana na mão da esposa” (SIC). Almira “fazia o que queria com ele” (SIC) e, outrossim, vivia o praguendo e lhe proferindo outras ofensas. Não é que Geneci chegou a aquiescer da pretensão de comprar um imóvel financiado, só porque Almira recusou a hipótese de morar em bairros menos valorizados?! Foi assim, satisfazendo necessidades e desvarios da esposa, que Geneci seguiu, tanto que, quando já em idade avançada, continuou a fazer as compras de supermercado e a preparar as refeições!

Almira e Geneci tiveram uma única filha, Simara, e a criaram lhe fazendo todas as vontades. A primeira foi a mais indulgente e desmedida, pois, embora, fizesse críticas à filha, não permitia que ninguém falasse dela e não se poupava de lhe “passar a mão na cabeça”.

Simara acabou não aprendendo a lidar com a frustração e nem, a aceitar regras. Assim como sua mãe, tornou-se uma pessoa difícil. Desenvolveu transtorno mental, apresentando como sintomas acumulação, depressão leve e oscilação de humor. Chegou a passar por vários serviços de Saúde Mental, sem, no entanto, aderir a nenhum, e tomava medicações psiquiátricas por conta própria.

Ainda na juventude, Simara começou a fazer uso abusivo de cigarro, álcool e outras drogas e a passar grande parte do tempo na rua. Além disso, não colaborava com a realização das tarefas domésticas e tratava os pais com agressividade, inclusive com xingamentos e empurrões. Sem nenhuma autocrítica, reclamava de Geneci e Almira não compreenderem por

que preferia ficar mais na rua, por que chegava tarde em casa e por que fazia escolhas amorosas inconcebíveis, argumentava que o primeiro tinha condições de efetivar os afazeres domésticos e justificava que apenas revidava as acusações e a agressividade da segunda e que xingar não era crime. Considerava que sua mãe se achava com razão de modo exagerado e que ela deveria educar “até certo ponto só” (SIC).

Aos vinte anos, Simara engravidou, vindo a dar à luz Michele, mas se manteve junto a Geneci e Almira. Não exerceu os deveres do poder familiar, delegando-os aos seus pais. Contudo, agredia fisicamente a filha, dirigindo a esta a mesma hostilidade que dirigia às figuras parentais.

Simara costumava colocar Almira contra Geneci, principalmente porque a primeira lhe “comprava o barulho” (SIC). Ela, constantemente incitava intrigas, brigas e afins;; “criava” (SIC) discórdia com porteiros, com vizinhos, entre familiares etc., não importando a ocasião, inclusive em datas comemorativas como o Natal. Michele e Geneci, para espairecerem, não raras vezes, se afastavam de casa, mas, quando retornavam, Simara tinha feito a cabeça de Almira contra os dois.

Nos relacionamentos amorosos, Simara “criava tumultos” (SIC), que levavam os namorados a se afastarem. Porém, em vez de fazer uma autoavaliação, ela culpava os rapazes pelos rompimentos ou dizia que não namorava por causa de Michele.

Simara chegou a fazer curso de idioma e de teatro e a ingressar no ensino superior, sem ter concluído nenhum. Trabalhou com aulas de idiomas, com produção, com jornalismo, o que incluiu a contratação por algumas emissoras de rádio e de TV importantes, porém não se fixou em nenhum emprego por “arranjar tumulto em todos” (SIC). Recebeu ajuda, inclusive financeira, de amigos para se firmar e se tornar autônoma, mas foi em vão. Todos os insucessos localizou em fatores externos, por mais banais ou disparatados que fossem, mas nunca em si própria.

Para sustentar seus vícios e custear seus caprichos, como serviços de salão de beleza e também tatuagem, Simara, incontáveis vezes, usou o dinheiro e os cartões bancários dos pais sem o consentimento deles; fez conta-conjunta com o pai para contrair empréstimos; e, com a permissão da mãe, se apossou do cartão de benefício social desta. Para ter suas vontades satisfeitas, fazia chantagem emocional. Geneci, a fim de evitar problemas, não tomava nenhuma atitude.

Simara passou a fazer amizade com mendigos, a namorá-los e a reivindicar colocá-los dentro de casa.

Michele cresceu, então, em um lar tumultuado. Ao longo dos anos, tentou descobrir quem era seu pai, sendo impedida, de todas as maneiras, por sua mãe, a qual obstou todo e

qualquer contato do genitor e, para impedir a comunicação entre ele e a filha, mudou de endereço inúmeras vezes. Foi somente muitos anos depois do falecimento do mesmo que a esposa dele confidenciou à Michele a paternidade.

Atingida a fase adulta, Michele constituiu união estável com um companheiro que, no passado, cometera atos ilícitos e, por isso, cumprira pena, mas que, depois de atendidas as pendências judiciais, passou a trabalhar como entregador de aplicativo. Com o mesmo, conseguiu construir um pequeno imóvel em uma favela e teve um menino. Quando o filho foi diagnosticado com autismo, organizou-se para viver em função dos cuidados com ele. Embora tivesse conseguido conquistar alguma autonomia, nunca passou livre das críticas negativas de sua mãe.

Com o afastamento de Michele, os problemas no lar de Almira, Geneci e Simara se intensificaram. O apartamento alugado em que viviam ficou em condições insalubres.

Michele, a fim de proteger Geneci e Almira, recorreu a diversos órgãos públicos. Após ser lhe recomendado por uma assistente social que retirasse os idosos do imóvel para que não morressem, alocou-os em outro lugar, deixando Simara sozinha, e passou a dividir seu tempo entre os cuidados com seu filho e os cuidados com seus avós.

O lar de Simara acabou se tornando um local com móveis deteriorados e cheio de papéis, de fezes de cachorro ressecadas e de outros vestígios considerados lixo, tudo revolvido e sem ordem. A idosa, como se movia com extrema dificuldade, se alimentava de quentinhas doadas e dormia em um velho colchonete doado por porteiros.

Por causa das denúncias aos órgãos públicos, foi determinada judicialmente a inserção em Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), tendo sido Simara removida para uma dessas unidades.

Em razão do próprio jeito de ser, a jurisdicionada inicialmente não aceitou a institucionalização sem relutância e agressividade, entretanto, com o decorrer do tempo, gradualmente melhorou sua conduta e chegou a reconhecer que era bem tratada.

Com a separação entre Simara e os pais, a primeira externou que se sentia “horrrível” (SIC). Já Geneci, apesar da negligência vivenciada, se manteve perguntando pela filha.

Michele, por guardar marcas profundas do modo como sua mãe a tratava, não lhe fez visitas e nem providenciou contatos entre a mesma e seu filho e entre a mesma e seus avós, mas se comunicava com ela regularmente por *WhatsApp* e lhe enviava alguma provisão.

Feito o relato do primeiro caso, vamos ao segundo.

Os pais de Potira e Pâmela pertenciam a um movimento religioso dissidente do movimento hippie, o qual, aqui, vou chamar de Seita. Em um dos núcleos de tal doutrina, tiveram filhos e os criaram.

A Seita vivia de doações e adotava regras rígidas, como manter o afastamento do convívio com a sociedade, permitir a união conjugal apenas entre seus componentes, preconizar a preparação para a pregação, em vez da preparação para o mundo do trabalho, e outras.

Como não permitia o acesso ao mundo externo, a Seita proibia a escolarização por meio da rede de ensino formal, estabelecendo que crianças e adolescentes fossem instruídos por meio da prática do *Homeschooling*². Potira, como desejava estudar em uma instituição de ensino formal, teve que reivindicá-lo insistentemente junto ao líder da Seita, contudo não teve sua reivindicação atendida livre de condições.

Em resultado, Potira e Pâmela cresceram “aprisionadas” (SIC), sem a devida orientação com relação à educação, sem preparo para o trabalho e para a vida, sem contato com o mundo exterior, sem conhecimento da realidade, sem projetos particulares...

Pâmela conheceu Davi na Seita e acabou se tornando mãe ainda nova. Lá, o casal teve três filhos.

Quando o líder da Seita faleceu, a comunidade religiosa se diluiu.

Pâmela e Davi, os quais, assim como todo membro da Seita, seguiam apenas ordens do mentor, não puderam contar com a ajuda dos familiares, uma vez que também faltavam a eles noções relacionadas ao convívio em sociedade. O casal decidiu, então, educar a si próprio e se reestruturar. Teve que “correr atrás” (SIC), “aprender como conseguir trabalho” (SIC), “entender o que é a vida” (SIC) e se guiar sem um agente externo.

Ainda que com dificuldades decorrentes da necessidade de adaptação social fora da Seita, Potira, Pâmela e Davi conseguiram se inserir no mercado de trabalho.

Pâmela, para sustentar os filhos, foi trabalhar no ramo da Estética e também dando aulas de Português, acúmulo de ocupações que a obrigou a passar bastante tempo ausente e, por conseguinte, a deixar a prole sozinha em casa.

Davi conseguiu um bom emprego em plataforma de petróleo, mas, por cumprir extensa jornada de trabalho, se tornou um pai pouco presente.

Pâmela e Davi se separaram. Cada um fez sua vida amorosa, porém com parceiros que lhes trouxeram problemas e com os quais, portanto, não experimentaram uma vida conjugal satisfatória.

Já Potira continuou centrada e focada no propósito de crescimento pessoal e profissional. Ela mudou-se para os Estados Unidos, fixou-se na área de tecnologia de uma

² *Homeschooling* significa “educação escolar em casa”. No Brasil, o termo também é conhecido como educação domiciliar ou doméstica. Nessa modalidade, a criança e o adolescente não frequentam a escola tradicional. Em vez disso, eles são educados em casa, geralmente pelos seus pais (Tancredi, 2023).

multinacional americana, casou-se com um americano, com ele viveu durante anos, separou-se, não teve filhos e, diferentemente da irmã e do cunhado, organizou sua vida de modo mais estável e aprazível.

Convém explicar que, infelizmente, não foram apurados os motivos que levaram Potira a ansiar por referências exteriores à sua família, desde cedo, pelo fato de a demanda de intervenção profissional ter sido decorrente de uma solicitação judicial de estudo psicológico voltado ao núcleo composto pela irmã e pelo ex-cunhado dela.

Feito os relatos dos casos, é importante deixar claro que não tenho a pretensão de fazer um compêndio e nem me aprofundar em termos técnicos utilizados em Psicanálise e Psicologia, tais como Inconsciente, Eu Ideal, Complexo de Édipo, Complexo de Castração, Princípio de Prazer, Compulsão à Repetição, Gozo, Sujeito Suposto Saber, Metáfora Paterna, Atuação, Elaboração e outros que aqui cabem³, tornando o presente artigo uma aula expositiva e professoral sobre conceitos teóricos, mas sim, tal como Gaiarsa fez em "A família de que se fala e a família de que se sofre", fazer comentários de forma livre e trazer à tona um recorte.

Todo indivíduo que deseja ter filho(s), antes mesmo de tê-lo(s), invade a própria cabeça com um turbilhão de ideias. Imagina se o infante será menino ou menina, com quem será parecido etc., arquiteta personalidade, faz idealizações e planejamentos, cria expectativas... Enfim, traça antecipadamente toda a vida de um ser, antes da existência ou (como nas perfilhações pela via adotiva) da chegada dele.

Em resultado, quando a criatura é introduzida na família, cada uma das figuras parentais começa a lhe transmitir e nele projetar e depositar desejos, conteúdos narcísicos, identificações, vínculos intersubjetivos, mecanismos de defesa, construídos a partir da relação com seus antepassados, visando a assegurar a manutenção e continuidade de um padrão de funcionamento.

Revedo os casos acima relatados, é interessante apontar que a dinâmica entre Almira e Geneci já estava estabelecida muito antes de Simara nascer, dinâmica essa que possuía como características bem visíveis o autoritarismo e tendência à evitação do desprazer da primeira e a extrema passividade do segundo. Almira e Geneci, tal qual toda família, não somente inseriram Simara nesse contexto como também a enlaçaram para participar do sistema familiar.

Com relação a Potira e Pâmela, o que é possível entrever é o desejo dos pais de transmitir aos filhos a cultura em que viviam, estabelecida por determinada doutrina religiosa, e de inseri-los nesta, objetivando que a mesma fosse reproduzida e perpetuada nas gerações seguintes.

³ Para consultar os termos citados e outros, recomendo LAPLANCHE e PONTALIS, 1986 e ROUDINESCO e PLON, 1998.

O que o filho encontra, então, quando chega à família, é um lugar pré-definido, o qual ele é instado a ocupar. Consequentemente, o pupilo não somente passa a ser o depositário, o servidor e o herdeiro dos sonhos e dos desejos dos pais como também dá sentido a essas inclinações que o precedem, que o violentam, mas que são as condições de sua concepção propriamente psíquica (Passos e Polak, 2004).

Mas por que o filho obedece ao legado instituído pelas figuras parentais e se permite ser absorvido pela dinâmica familiar, como se não tivesse outra opção?

Voltando aos exemplos aqui explanados, verificamos que Simara se enredou no funcionamento de sua família, conforme é natural na infância (inclusive por causa da insuficiência de contato com modelos exteriores resultante do ambiente restrito comum nos primeiros anos de vida), e apreendeu e se apropriou dos aspectos e traços de sua mãe, adotando, consequentemente, características autoritárias e a busca incessante pelo prazer. Geneci, por ter como atributo preponderante a passividade, pouco interveio na relação entre mãe e filha, deixando, assim, de dar os devidos limites. Alguns amigos da família chegaram a intervir de maneira um pouco mais ativa. Ocorre que o aliciamento de Almira sobre Simara era tão exagerado e aprisionante que todas as tentativas de interdição da relação entre mãe e filha restaram fracassadas. Amostra contundente desse aliciamento é possível verificar na atitude de Almira de fazer críticas à Simara, mas desautorizar todo aquele que falasse desta e prosseguir "passando-lhe a mão na cabeça". Em resultado, Simara não viu outra saída se não se emaranhar na trama familiar e nela permanecer.

Notável é que Michele, quando se uniu a uma pessoa em conflito com a lei, fazendo, dessa maneira, uma escolha amorosa nos moldes das escolhas de sua mãe, acabou repetindo, em alguma medida, o modelo materno. Todavia, há de se considerar que o companheiro de Michele se encaminhou por vias socialmente aceitas e que a própria construiu um núcleo familiar, procurou assistir as necessidades de seu filho, auxiliar seus avós e dar alguma contribuição à sua mãe e, tão importante quanto esses fatores, permitiu a intervenção marital na rotina familiar. Com base nesses movimentos, pode-se dizer que Michele conseguiu se desenrolar, até certo grau, do novelo familiar, ao contrário de Simara, porém não o fez sem ser execrada por esta última.

Com relação ao segundo exemplo, tem-se que Pâmela e Davi reproduziram o funcionamento da unidade comunitária na qual foram criados e na qual por muito tempo residiram, porque tinham como modelo a ser seguido os componentes de lá. Quando se depararam com a necessidade de viver em sociedade, ambos tiveram que assimilar outros modos de funcionamento. Já Potira, desde criança, voltava seu olhar para algo externo à Seita, no caso para o ensino formal, e não satisfez seu desejo sem passar por restrições e exigências.

Foi, portanto, no contato com o mundo exterior que os três se desvencilharam da mecânica original para apreenderem outras perspectivas.

O que gostaria de mostrar nesse ponto é que a família funda e institui o sujeito, porém por meio de condicionamentos, de deformações e, inclusive, de exclusão. O espaço familiar é um espaço de não reconhecimento da alteridade, de contínua imposição do desejo de um sobre o outro, de cerceamento da liberdade e, logo, de restrição da manifestação subjetiva. Para atingir a finalidade da perpetuação de seu padrão comportamental, ainda que seja um padrão causador de opressão e padecimento, porque construído a partir de problemas não resolvidos ou não elaborados, a família incute em seus membros a ideia de que é portadora da verdade, da pertinência e de outras virtuosidades. Também incute a responsabilidade pela coesão e, como se não houvesse a possibilidade de troca afetiva com outros vínculos, o medo da perda do afeto.

Eu, particularmente, defino a família como uma teia em cuja trama a própria, de forma persuasiva e silenciosa, enreda e emaranha seus membros.

A transmissão dos conteúdos e da dinâmica familiares se faz, então, por meio de alianças inconscientes, alianças essas que possibilitam a criação do vínculo (Passos e Polak, 2004). No entanto, o membro da família, quando se depara com um ambiente diverso fora do contexto familiar, pode vir a alimentar ideias, ideais e desejos divergentes e, a contar daí, pode oscilar entre viver de acordo com a norma familiar instituída ou rompê-la, negando cobranças e imposições.

Nas narrativas expostas por mim, compreendemos que foi a partir de um olhar para fora, ou seja, a partir do contato com um universo exterior ao da Seita, que Pâmela e Davi se afastaram do sistema familiar em que viviam, desconstruíram o que reproduziam desse sistema, ainda que apenas até certa medida, e apreenderam novas formas de funcionar. Podemos dizer que Michele também trilhou esse caminho e que ela o fez, porque olhava para fora de seu núcleo familiar, por meio da busca por saber quem era seu pai e por outros meios.

Ora optar por defender a autonomia individual e sobrepor os valores, as opiniões e a liberdade pessoais, ou seja, optar pelo individualismo, em detrimento dos preceitos da unidade familiar, reduzindo, desse modo, a interferência desta última, não ocorre de forma desafetada ou natural! Ao contrário, pode implicar em perda do afeto, da confiança e da solidariedade familiares, distanciamento da família, acusações e outras retaliações.

Retornando à vivência da primeira família descrita no presente artigo, foi possível verificar que Michele não se desvencilhou de sua família sem nenhum preço; ao contrário, teve que conviver com o julgamento de Simara. Já, na segunda família, Potira e Pâmela romperam com as tradições da unidade comunitária em que foram criadas arcando com o custo de o fazerem solitariamente e com o peso de terem que buscar autossuficiência.

Diante disso, confirma-se o que escrevi no início desse artigo, ou seja, que o desmonte de um *status quo* não ocorre de maneira indolor, que, ao contrário, desestabiliza, ameaça e, sendo assim, gera angústia, ansiedade, desprazer e desconforto, mas que é necessário enfrentar o período de tormento para caminhar.

Bem, tendo em mente os argumentos elencados até aqui, o que se conclui é que a Família transmite às gerações seguintes tanto conteúdos benéficos e promissores como também problemas não digeridos, elementos provenientes de vivências traumáticas, de não ditos, não simbolizados e não ressignificados, traços mnemônicos de relações com as gerações precedentes, desejos inspirados na representação dos antepassados e outros materiais que podem causar adoecimento (KAËS, 1991). A falta, a doença, o reprimido, objetos perdidos ainda não elaborados... enfim, tudo aquilo que permanece no inconsciente dos pais é transmitido, projetado e depositado nos filhos. E é justamente pela falta de elaboração em gerações anteriores que esses materiais reaparecem em geração(ões) posterior(es). Assim, desmorona-se a imagem da Família de incontestável base de formação do sujeito e decreta-se sua falência como lugar de constituição da subjetividade. Todavia, ao mesmo tempo, conclui-se que os membros da Família recebem uma herança intergeracional composta por fantasias, imagens, identificações e outras vivências psíquicas que se fundam em uma história familiar e os repetem compulsivamente (PASSOS e POLAK, 2004).

Levando em conta essa perspectiva, vêm à cabeça as seguintes questões: Deve o indivíduo se deixar ser moldado pelos padrões impostos pela família? DA FAMÍLIA, É PRECISO CURAR-SE?

Uma vez que, sem uma dimensão utópica, o efêmero (Serrano, 2019) nos rodeia e nos diz que a vida é apenas o que vemos e tocamos, vamos ao que, ao meu ver, seria o ideal.

Magistral seria uma transformação cultural, por meio da qual a sociedade retiraria da figura da Família a característica de sagrada; a própria família colocar-se-ia em questão e apresentar-se-ia como castrada, faltosa, cheia de falhas, em vez de se apresentar como dona da verdade (tal como Gaiarsa a desenha) ou, lacanianamente falando, como sujeito suposto saber, passando, dessa maneira, para a posição de família ressignificada, e o sujeito viveria em constante auto-observação, a fim de identificar os aspectos familiares que repetiria e avaliar se estes seriam pertinentes ao contexto objetivo que se colocasse.

Como não é assim que as coisas acontecem, vamos às possibilidades.

Bert Hellinger se autointitulou psicoterapeuta, sem ter formação em Psicologia, e inventou um método chamado Constelação Familiar⁴, o qual parece ser baseado em fatos científicos, mas não resulta da aplicação de métodos científicos válidos, ou seja, é um método pseudocientífico. Apesar disso, vale considerar o que ele escreveu sobre a ovelha negra da família.

Não é raro encontrar nas famílias um membro que procura revolucionar as crenças, indo na contramão dos caminhos marcados pelas tradições familiares, que não se adapta às normas do sistema familiar, que grita rebeldia e que, por isso, é criticado e julgado, podendo, inclusive, ser rejeitado. Este membro, embora, geralmente, seja taxado de "ovelha negra", é aquele que liberta a árvore genealógica de histórias repetitivas que frustram gerações inteiras, é aquele que apanha, repara e cria o novo. A ovelha negra da família é, na verdade, um caçador de caminhos de libertação para a árvore genealógica.

Introduzida essa ideia, pode-se recomendá-la como via para escapar da trama familiar. Pode-se também defender o rompimento brusco e total da família (o que, muitas vezes, é necessário). Mas podem também ser encontradas outras saídas.

No deslizar entre as gerações, um ou mais componentes encontram dificuldades na interrelação com o mundo exterior, dão-se conta do sofrimento ou do adoecimento ou simplesmente questionam o meio em que foram formados. É por esses fatores que eles podem resolver fazer diferente do convencional de sua família, percorrer outros caminhos e, em sequência, cessar a partilha intergeracional (Kaës, 1991).

Ao profissional psicólogo, cabe contribuir para gerar movimentos em direção a novos caminhos.

No caso da família Almira e Geneci, por exemplo, como atuava eu a partir do judiciário, onde minha atribuição era identificar os fenômenos psicológicos envolvidos no caso para, com base neles, subsidiar decisão judicial, procurei incitar os destinatários de meu trabalho, que eram os operadores do Direito, mais diretamente o juiz, a exercer a metáfora paterna indicando caminhos para a manutenção dos limites necessários à relação simbiótica entre o casal e sua filha.

No segundo caso explanado, foram feitas outras indicações, uma vez que o que estava em questão era algo diverso da repetição do padrão familiar. Aliás, o que se examinou foi que Potira, Pâmela e Davi conseguiram se enxergar capturados na teia familiar e dela se

⁴ Cabe aqui alertar que o Conselho Federal e Regionais de Psicologia concluíram que a prática da Constelação Familiar é incompatível com o exercício da Psicologia (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. 2023).

desvencilhar gradualmente de maneira favorável, ainda que forçosamente e com muito sofrimento.

No que diz respeito ao lugar de psicólogo clínico, cabe oferecer ao seu cliente escuta, como se estivesse oferecendo ao pintor uma tela em branco onde este pudesse jogar tintas, formas e outros conteúdos, ser um facilitador que lhe possibilite contar histórias, da forma como o próprio encara e compreende, e liberar energia afetiva. Cabe também, dentre outras tarefas, calmamente ajudar o paciente a detectar o entrecruzamento de fantasmas, fantasias e resíduos familiares, a tomar consciência de suas repetições e do quão mal encaixadas podem se tornar quando atuadas no contexto presente e abrir espaço para a oportunidade de ressignificação das vivências.

Assim, pode o sujeito entender que as neuroses familiares não merecem ser cultivadas, que os problemas arrastados por sua família não precisam ser seus. Pode, finalmente, se enxergar capturado na teia que é a família e dela se desvencilhar, no entanto não sem dificuldades, mas sim como um fio que, vagorosamente, passando de entranha em entranha, se desenlaça e se liberta de seu novelo de lã terrivelmente embaraçado e confuso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENEDITO, Mouzar. Cultura Inútil: Para que serve a Utopia?. **Blog da Boi Tempo**, 2019. Disponível em: < [https://blogdaboitempo.com.br/2019/01/16/cultura-inutil-para-que-serve-a-utopia/#:~:text=Eduardo%20Galeano%20escreveu%3A%20%E2%80%9CA%20utopia,que%20eu%20caminhe%2C%20jamais%20alcan%C3%A7arei](https://blogdaboitempo.com.br/2019/01/16/cultura-inutil-para-que-serve-a-utopia/#:~:text=Eduardo%20Galeano%20escreveu%3A%20%E2%80%9CA%20utopia,que%20eu%20caminhe%2C%20jamais%20alcan%C3%A7arei.) >. Acesso em: 22 abr. 2023.

Psicologia (Vide: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota Técnica CFP nº 1/2023**. 01 de mar. Disponível em: < https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Nota-Tecnica_Constelacao-familiar.pdf >. Acesso em: 25 mai. 2023.).

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005**. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: < http://www.cfp.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/codigo_etica.pdf >. Acesso em: 29 abr. 2023.

GAIARSA, José Angelo. **A família de que se fala e a família de se sofre**: O livro negro da família, do amor e do sexo. São Paulo: Ágora, 1986.

GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. Buenos Aires, Argentina: Catálogos, 1993.

HELINGER, Bert. As "Ovelhas Negras" da Família por Bert Hellinger. Elaine Romano. 22 mai. 2019. Disponível em < <https://www.elaineromano.com/post/2019/05/22/as-ovelhas-negras-da-fam%C3%ADlia-por-bert-hellinger> >. Acesso em: 25 mai. 2023.

KAËS, René. et al. A Instituição e as Instituições: Estudo Psicanalíticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

LAPLANCHE e PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. 9 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1986

MACHADO, Zilda. A família está viva! Uma abordagem psicanalítica. **IBDFAM**. 25 jun. 2015. Disponível em < <https://ibdfam.org.br/artigos/1047/A+familia+est%C3%A1+viva!+Uma+abordagem+psicanal%C3%ADtica> >. Acesso em: 13 mai. 2023.

OLIC, Tatiana Bacic. **Família Acolhedora: Contribuições de Winnicott sobre a Importância do Ambiente Familiar para o Desenvolvimento Infantil**. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2019.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **O Mundo da Criança**: Da Infância à Adolescência. São Paulo: McGraw Hill, 1981.

PASSOS, Maria Consuelo; POLAK, Pia Maria. A Identificação como Dispositivo da Constituição do Sujeito na Família. **PEPSIC** – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, Barbacena, v. 2, n. 3. 2004. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200004 >. Acesso em: 24 mai. 2023.

PURIFICAÇÃO, Camila Salgueiro da; OVENHAUSEN, Renata. O Desenvolvimento da Personalidade na Primeira Infância e a Tutela Jurídica da Família. **Publica Direito**, 2010. Disponível em: < <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3161.pdf> >. Acesso em: 23 abr. 2023.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SPITZ, René Arpad. **O Primeiro Ano de Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

TANCREDI, Silvia. *Homeschooling. Brasil Escola*, c2023. Disponível em: <
<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/homeschooling.htm>>. Acesso em: 06 mai. 2023.